

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS PIRES DO RIO
CURSO DE HISTÓRIA

GANGUES E TURMAS: Embates Entre a Juventude dos Bairros “Rua do Fogo” (Santa Cecília) e Vila Nova, em Pires do Rio-GO (1990 a 1999)

MURILO CANDIDO DIAS

ORIENTADOR: PROF. Me. ENIVAL MAMEDE LEÃO

PIRES DO RIO-GO
2016

MURILO CANDIDO DIAS

GANGUES E TURMAS: Embates Entre a Juventude dos Bairros “Rua do Fogo” (Santa Cecília) e Vila Nova, em Pires do Rio-GO (1990 a 1999)

Monografia apresentada ao curso de História da UEG/Câmpus Pires do Rio, sob a orientação do Professor Mestre Enival Mamede Leão.

PIRES DO RIO-GO
2016

MURILO CANDIDO DIAS

**GANGUES ETURMAS:
Embates Entre a juventudedos bairros “Rua do Fogo” (Santa Cecilia) e Vila Nova, em
Pires do Rio-GO (1990 a 1999)**

Monografia submetida à Comissão Examinadora como requisito parcial para
obtenção de Grau de Licenciado em História.

BANCA EXAMINADORA

Professor Mestre Enival Mamede Leão (Orientador)
UEG/Câmpus Pires do Rio

Professora Doutora Marilena Julimar Fernandes (Examinadora)
UEG/Câmpus Pires do Rio

Professor Mestre Rubislei Sabino da Silva (Examinador)
UEG/Câmpus Pires do Rio

Pires do Rio, ----- de ----- de 2016.

AGRADECIMENTOS

À minha família, que me apoiou desde o princípio nessa jornada em busca de ser um professor e que, com certeza, irá apoiar-me nas próximas etapas da minha vida. A eles quero dizer: — Mãe, te amo muito! Pai, te amo muito! Obrigado por terem me transformado na pessoa que sou hoje.

A todos os entrevistados que concordaram em cooperar e participar da construção desta pesquisa. Sem eles não teria sido capaz concluí-la.

À professora Doutora Marilena Julimar Fernandes e ao professor Mestre Rubislei Sabino da Silva, que me ajudaram sempre que puderam. E ao professor Mestre Enival Mamede Leão, meu orientador, minha especial gratidão.

Aos meus colegas de turma, que estiveram comigo, ajudando-me quando passei por dificuldades ou problemas, no decorrer do curso.

A todos os professores da UEG/Câmpus Pires do Rio, que estiveram presentes, ensinando-me História.

RESUMO

Esta pesquisa propõe análise e discutir sobre um movimento organizado entre a juventude que vive nos bairros “Rua do Fogo” (Santa Cecília) e “Vila Nova”, da cidade de Pires do Rio¹-Goiás. Tal movimento ocorreu entre os anos de 1990 a 1999, época em que dois grupos, formados nos bairros “Rua do Fogo” (Santa Cecília) e “Vila Nova” envolviam-se, sucessivamente, em conflitos violentos. Esse tema foi escolhido para colocar em discussão momentos da história do município, que são contados pelos moradores que conviveram e/ou participaram desses embates violentos, que não são mencionadas em quase, ou nenhum, documento dentre os arquivos e jornais da cidade. Para a análise do contexto proposto será utilizada a fonte oral, através de entrevistas com alguns participantes desse conflito. Essas entrevistas serão analisadas a partir das teorias de Abramovay (2010), Andrade (2007), entre outros. Os integrantes contam que, em sua juventude, os jovens do bairro “Rua do Fogo” (Santa Cecília) estavam, constantemente, em confronto com os jovens do bairro Vila Nova. O objetivo proposto para esta pesquisa será: analisar e discutir os motivos das disputas entre esses grupos, como elas funcionavam e os movimentos que eram feitos em busca da vitória. A problemática da pesquisa será tentar compreender como esses jovens se organizavam para estabelecer os conflitos entre os bairros “Rua do Fogo” (Santa Cecília) e “Vila Nova”. Para tal, buscaremos compreender como esses jovens agiam, levando em consideração a participação dos entrevistados e a importância da divisão e demarcação entre as duas áreas conflituosas e como esses dois grupos violentos se autodenominavam.

Palavras Chave: Conflitos. Gangues. Bairros.

¹ Cidade localizada no de estado de Goiás, população 28,762 (IBGE).

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01: Mapa de Cidade de Pires do Rio14

Imagem 02: Tatuagem de Escorpião28

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1 EMBATES EM PIRES DO RIO ENTRE OS JOVENS DA ‘RUA DO FOGO’ E VILA NOVA (1990-1999)	11
1.1 A Importância Espacial e a Questão do Território	12
1.2 Perfil dos Participantes e suas Estratégias	16
1.2.1 Caminhando Para o Fim	21
2 “GANGUES? TURMAS?”: Sobre a caracterização dos Grupos Vila Nova e “Rua do Fogo” entre seus respectivos membros	25
2.1 A Auto Nomeação	25
2.2 Possíveis Influências	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
LISTA DE FONTES	35
REFERÊNCIAS	36

INTRODUÇÃO

A temática “Gangues e Turmas: Embates Entre a juventude dos bairros ‘Rua do Fogo’ (Santa Cecília) e Vila Nova, em Pires do Rio - GO (1990 a 1999)” originou-se pela ligação de minha família com as desavenças que ocorreram entre os locais mencionados, no município de Pires do Rio. Dar-se-á ênfase a fase dos embates durante a década de 1990, tomando essa década como recorte temporal que delimitará a proposta para a realização desta pesquisa.

Enquanto criança, já ouvia histórias fascinantes a respeito de conflitos entre um lado e outro da cidade. Desde então, várias dúvidas surgiram sobre esse movimento, as quais pretendemos solucionar neste trabalho.

Nesse sentido, a problemática proposta será tentar compreender: porque esses jovens partiam para os embates? Onde e quando aconteciam? Como se organizavam e como se auto definiam? Existia hierarquia entre eles? Se sim, como era? Porque, na década de 1990, esses conflitos terminaram e como isso aconteceu?

Foi o desejo de obter respostas para essas indagações que estimulou a realização da pesquisa. Para responder às questões propostas será utilizada a fonte oral, ou seja, serão realizadas entrevistas com alguns membros que vivenciaram as atividades desses grupos. Aliado a isso, utilizar-se-á a pesquisa bibliográfica, através da leitura de alguns teóricos, entre eles Jorge Eduardo Aceves Lozano e Carla Coelho de Andrade.

Cabe salientar que esses embates fazem parte da memória de vários moradores da cidade, pois são contados de geração para geração. Sendo assim, essas histórias merecem ser resgatadas e registradas e não devem ser perdidas com o tempo. Nesse sentido, presume-se que esta pesquisa tenha relevância para a sociedade de Pires do Rio e para o meio acadêmico, por possibilitar uma discussão sobre um assunto que, até o momento, não se tem conhecimento de estudos já realizados, o que torna este trabalho inovador.

A oralidade será a ferramenta principal para esta pesquisa, assim entende-se a necessidade de uma discussão sobre utilização desse tipo de fonte. Para tanto, recorreremos à leitura de Thompson (1992). O estudioso ressalta que a “História oral foi instituída em 1948, como técnicas para a documentação histórica, através do ato pioneiro do historiador Allan

Nevins, que começou a gravar memórias de personalidades importantes da história norte-americana” (THOMPSON, 1992, p. 43).

Desde sua introdução, como técnica de documentação, a História oral aprimorou-se, a partir de métodos que foram sendo desenvolvidos ao longo do tempo. Nesse sentido, o autor destaca a importância e a dinamização de uma pesquisa, através da fonte oral, na atualidade:

[...] A história oral é uma história construída em torno das pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos, não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimulam professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente nos idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança [...]. E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história. (THOMPSON, 1992, p.44).

A história oral é uma prática muito antiga, que tem como finalidade a comunicação humana. Portanto, a história surgiu sendo contada oralmente e assim permaneceu até o surgimento da escrita, quando apareceram os estudos e registros que nos propiciaram conhecer o passado.

O autor destaca que a fonte oral permite, ao historiador, conhecer a vida de pessoas que têm experiências diferentes e que fazem parte de gerações variadas, evitando que, muitas vezes, fiquem no anonimato. Através dessa metodologia, é possível contribuir, significativamente, para a construção da história e para que as reminiscências não caiam no esquecimento. Através da fonte oral, pode-se optar por analisar e discutir acontecimentos de curto espaço e tempo, que ainda não foram mencionados na história escrita de um município. E é por isso que esta monografia procurará levantar discussões em torno da comunidade local, sobre os embates violentos entre “Rua do Fogo” (Santa Cecília) e Vila Nova, na cidade de Pires do Rio-GO, dentre os anos de 1990 a 1999.

Sabe-se que esse é um assunto pouco disseminado fora da comunidade piresina e que não envolve grandes feitos ou grandes nomes. Entretanto, os moradores da cidade de Pires do Rio falavam muito sobre os embates na época, por envolver acontecimentos truculentos e isso despertou nosso interesse acerca do tema.

Prosseguindo com a discussão acerca da oralidade, aspectos referentes à construção das interpretações da fonte oral devem ser ressaltados. Nesse sentido, Lozano (1996) lembra que esse:

[...] é antes um espaço de contato e influências interdisciplinares[...] com ênfase nos fenômenos e eventos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos histórico-sociais. Para isso, conta com métodos e técnicas precisas, em que a constituição de fontes e arquivos orais desempenha um papel importante. [...] a história oral, ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centra sua análise na visão e versão que dimanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais. (LOZANO, 1996, p. 16).

Como pontua o autor, para utilizar a oralidade como fonte, faz-se necessário utilizar técnicas criadas e experimentadas por alguns teóricos que estudam a metodologia da história oral. Isso porque, ao investigar as recordações de pessoas vivas sobre seu passado, são obtidos dados subjetivos, que devem ser interpretadas pelo historiador, que fará a pesquisa.

Para o melhor desenvolvimento das entrevistas, conforme Manzini (2012), as questões que serão feitas aos entrevistados podem ser elaboradas a partir de um roteiro que aborde os principais tópicos a serem levantados. As perguntas devem ser preparadas com uma linguagem adequada ao público (entrevistado) a que se destina, a fim de facilitar a compreensão e a interlocução. Nesse aspecto, o autor destaca:

A entrevista semiestruturada tem como característica um roteiro com perguntas abertas e é indicada para estudar um fenômeno com uma população específica: grupo de professores; grupo de alunos; grupo de enfermeiras, etc. Deve existir flexibilidade na sequência da apresentação das perguntas ao entrevistado e o entrevistador pode realizar perguntas complementares para entender melhor o fenômeno em pauta. (MANZINI, 2012, p. 156).

Desse modo, a proposta é indagar, com cuidado, o entrevistado, para que se sinta seguro e que não haja nenhum tipo de constrangimento. Com isso, o pesquisador poderá ter um diálogo mais tranquilo, e de melhor qualidade, durante a execução das perguntas.

Para a escolha dos entrevistados, levar-se-á em consideração o fato de serem ex-membros dos grupos, turmas e/ou gangues e terem participado direta e efetivamente dos acontecimentos. Sua colaboração para a pesquisa restringe-se a atividade de contar as histórias sobre os conflitos, em Pires do Rio, durante a juventude, e a contribuição para a análise dos dados.

Dentre as pessoas que darão seu testemunho, destacam-se seis que afirmam ter participado, efetivamente, dos conflitos e que concordaram em falar sobre os embates. Três dos moradores entrevistados residiram na “Rua do Fogo”, Bairro Santa Cecília, no período dos conflitos. São eles: Luis Fernando Junior, apelidado como “Batché”, 39 anos, frentista e ainda reside no bairro Santa Cecília; Wellington Vieira Borges, 37 anos, pintor, reside atualmente no

bairro Tancredo Neves; e José (nome fictício, pois o entrevistado preferiu não se identificar), 35 anos, açougueiro, morador do bairro Santa Cecília.

Os outros três residiram na Vila Nova durante o período dos conflitos: Bob (nome fictício, pois o entrevistado preferiu não se identificar), 45 anos, pedreiro, reside na cidade de Cristalina-GO; Fernando Cândido Marciel, 38 anos, empresário, reside no bairro Nossa Senhora de Lourdes, da cidade de Pires do Rio; e João Batista Dias, apelidado como Hulk, 36 anos, jardineiro, reside atualmente no bairro Santa Cecília, da cidade de Pires do Rio.

Para a apresentação das análises, o trabalho será organizado em dois capítulos. O primeiro, “Embates em Pires do Rio Entre os Jovens da ‘Rua do Fogo’ e Vila Nova (1990-1999)”, tem como objetivo compreender características inerentes aos grupos que se formavam para os conflitos. Para tanto, serão analisados os motivos, a importância do espaço, a questão do território, os locais mais frequentes onde aconteciam os conflitos, bem como a faixa de idade dos membros, na época em questão. Também buscar-se-á tratar dos motivos que levaram ao término dos conflitos.

O segundo, “Gangues? Turmas? Sobre a denominação dos grupos Rua do Fogo e Vila Nova”, traz primeiro uma análise da auto nomeação dos grupos conflituosos, buscando compreender como eles chamavam a si mesmos, se consideravam e preferiam ser titulados de gangue ou como turma. Em seguida, apresentar-se-á uma abordagem sobre os conceitos e definições do termo “gangue”, a partir da leitura de Abramovay (2010). Por fim, colocar-se-á em evidência as possíveis influências sofridas pelos jovens, que podem tê-los inspirado a participar dos respectivos grupos.

1 EMBATES EM PIRES DO RIO ENTRE OS JOVENS DA ‘RUA DO FOGO’ E VILA NOVA (1990-1999)

Este capítulo tem a finalidade de compreender como se davam os embates entre os dois grupos rivais, qual a importância espacial para a organização dos grupos e como era o perfil dos membros das gangues do bairro “Rua do Fogo”(Santa Cecília) e Vila Nova, que se formaram entre os anos 1990 a 1999, na cidade de Pires do Rio. Interessa-nos, ainda, pensar acerca da motivação que levava jovens a participar dos grupos e das suas ações conflituosas. Tratar-se-á, a seguir, do modo como se deu a investigação dessas caracterizações dos dois grupos, através da análise das entrevistas realizadas com ex-membros deles: tanto o da “Rua do Fogo”, como o da “Vila Nova”.

O início do trabalho de campo, ou seja, das entrevistas, necessitou de muita atenção para que pudéssemos verificar possíveis discordâncias entre os relatos dos ex-membros das gangues e/ou turmas. Para nossas análises, levamos em consideração, principalmente, dois aspectos: a linguagem e as expectativas das pessoas envolvidas nos conflitos. Assim, em primeiro lugar, observa-se que as falas dos membros do grupo remetiam a aspectos como gestualidades, emoções, afetividades e laços sociais advindos de seu meio. Em segundo lugar, as expressões orais foram transcritas afim de que se selecionasse as informações que pudessem evidenciar a maneira como a memória dos entrevistados era constituído. Para as transcrições, preservou-se a linguagem própria dos entrevistados, privilegiando seu modo de falar.

No segundo momento, o foco será entender como era atribuído o domínio das gangues e a forma como elas buscavam o poder. Para tal, basear-nos-emos no saber informal das pessoas, que será evidenciado a partir da análise das entrevistas. Pela observação do que foi dito pelos entrevistados, constata-se que as interações ente os dois grupos eram reduzidas, em diferentes aspectos, próprios do saber das relações dos bairros. Nesse sentido, faz-se necessário identificar a forma com que as interações ficavam registradas na memória de quem ali morava.

Em terceiro lugar, selecionar-se-á os pontos pertinentes para a realização das análises. De início, se constata que, dentre os moradores da cidade de Pires do Rio, existem aqueles que até hoje narram os episódios, disseminando-os entre alguns cidadãos. Sobre a desavença que correu no período dessa discórdia, Luis Fernando Junior² afirma que “esse conflito entre a Rua do Fogo e a Vila Nova, isso tem mais de quarenta anos, minha mãe era menina, que tinha muitas brigas, dizia meu avô, sempre teve essa rixa” (Informação oral).

²39 anos, frentista, morador do bairro Santa Cecília, Pires do Rio. Data da entrevista: 03/10/2014.

Então, a partir do entrevistado, é possível entender que a “rixa” é muito mais antiga do que o período estudado nessa pesquisa.

A partir dessas primeiras observações, passar-se-á à análise e interpretação dos relatos dos entrevistados, bem como as nossas considerações acerca das entrevistas.

1.1 A Importância Espacial e a Questão do Território

De acordo com Gauderia (2014), o termo território é utilizado em diversos campos, como História, Geografia, entre outras ciências, e pode aparecer em vários tipos de análises e pesquisas, com concepções diferentes:

Seja como for, ao longo do tempo houve muitas abordagens e mudanças na concepção de território. Até mesmo entre as ciências as variações acontecem. Na geografia, ciência pioneira na utilização do conceito, território está relacionado a espaço. Nas Ciências humanas, o território é visto como espaço onde os seres humanos, divididos em grupos sociais, estabelecem contatos de relação/interação. Nas ciências naturais, território serve como identificador do habitat, biomas e/ou ecossistemas para os seres vivos. (GAUDERIA, 2014, p. 4)

Esse trabalho aborda, diversas vezes, o tema território como o espaço de um grupo social, já que a vivência e as atividades violentas entre os dois grupos, “Rua do Fogo” e “Vila Nova”, ocorriam sempre em função da separação e demarcação dos seus respectivos espaços. Assim, pode-se dizer que esses grupos eram definidos, principalmente, em função do espaço que ocupavam, pois, “não há como definir o indivíduo, o grupo, a comunidade, a sociedade sem ao mesmo inseri-los num determinado contexto geográfico, ‘territorial’” (HAESBAERT, 2004, p.20).

Uma das primeiras questões que foi verificada durante as entrevistas, refere-se a nomenclatura dos dois grupos violentos e rivais (“Rua do Fogo” e “Vila Nova”) que está diretamente ligada aos nomes dos bairros, ou seja, dos territórios que ocupavam. De acordo com o que diz o entrevistado Bob³: “cara num sei dizer quando que surgiu esses nomes não viu, sei que é por causa dos bairros, desde pequeno minha mãe, meus tios me contam que Vila Nova e Rua do Fogo nunca deram certo” (Informação Oral). Bob⁴ acentua que a rivalidade sempre existiu e os nomes foram inspirados nos territórios, aos quais os grupos pertenciam.

³ Nome fictício, pois o entrevistado preferiu não se identificar, 45 anos, pedreiro, reside na cidade de Cristalina-GO. Data da entrevista: 12/11/2014.

⁴Idem

Provavelmente, os nomes foram criados há tempos e teriam existido antes mesmo do próprio envolvimento dos jovens conflituosos, da época analisada.

Os locais, onde se organizavam os grupos de jovens, eram formados por dois territórios: o Bairro “Rua do Fogo” (Santa Cecília), localizado ao norte do centro da cidade; e o Bairro Vila Nova, ao sul do centro da cidade. Todavia, o conflito não se dava apenas entre os dois bairros, mas também entre a circunvizinhança dos bairros conflituosos, como afirma o entrevistado José⁵, membro do grupo da “Rua do Fogo”, no período dos conflitos:

Não era só Rua do Fogo contra Vila Nova, não era só esses dois bairros, eu mesmo não era do bairro Rua do Fogo, eu era da Tancredo, morava na Tancredo, mas era considerado como da Rua do Fogo, porque era esse lado daqui contra o lado de lá, mano, os caras que moravam lá era da Vila Nova, os de cá era Rua do Fogo. (Informação Verbal)

Percebe-se que, para de José, a questão da divisão de áreas é descrita como se fossem lados opostos, “o daqui e o de lá”, uma vez que faz referência à espacialidade como a própria predominância da rivalidade. Percebe-se então que, “Rua do Fogo” e “Vila Nova” não eram apenas a denominação de dois grandes grupos, pois o bairro Santa Cecília e outros próximos, se caracterizam como “Rua do Fogo”; o bairro Vila Nova e todo o seu arredor, era considerado “Vila Nova”. Então, essas duas amplas áreas conflituosas, não se restringiam apenas a dois bairros. Em outras palavras, é possível que uma parte grande da cidade estivesse envolvida nesse embate.

No que se refere aos locais mais comuns onde aconteciam os embates, é possível afirmar que os conflitos aconteciam quando os integrantes adentravam em território alheio. O entrevistado José⁶ relata, também, que era comum os conflitos ocorrerem no centro de Pires do Rio, normalmente na Praça Gaudêncio Rincón Segovia, que fica no centro da cidade. Ainda sobre esse assunto, José diz: “meu amigo, quando Vila Nova e Rua do Fogo se encontrava na praça, ou em alguma festinha em rua, que tinha muito naquela época, era pau na certa” (Informação oral).

O entrevistado lembra que, nas proximidades da praça, havia bares, clubes, locais em que a maioria da população se encontrava para se divertir. As pessoas viam essas brigas e saíam do local, porém, às vezes, acabavam sendo atingidas, pois muitas vezes a situação saía do controle, como explica Bob⁷:

⁵Nome fictício, pois o entrevistado preferiu não se identificar, 37 anos, açougueiro, morador do bairro Santa Cecília, Pires do Rio. Data da entrevista: 12/11/2014.

⁶Idem.

⁷Nome fictício, pois o entrevistado preferiu não se identificar. 12/11/2014

Os destaques no mapa indicam as duas localidades em foco. Nota-se que as áreas estão em polos distintos, às margens da cidade e ao redor do bairro central. As atividades dos referidos grupos e seus respectivos núcleos foram estabelecidas e concentraram-se nesses lugares, porém, sabe-se que os seus integrantes se deslocavam para os outros bairros, transitavam pelo centro e, também, de um polo para outro: por isso ocorriam os embates.

Conforme as entrevistas dos ex-membros dos dois grupos rivais, a maioria desse tipo de embate se dava por questões de dominação territorial, por conta da suposta invasão do espaço rival. Assim, temos uma visão geral dos locais que compõem os respectivos territórios.

Para melhor compreender como se dava participação dos Bairros vizinhos nos conflitos, observemos o que diz o entrevistado João Batista Dias⁸ que, na década de 1990, era participante ativo de um dos grupos e morador do Bairro Colegial, que fica próximo ao Bairro Vila Nova e, portanto, membro do grupo “Vila Nova”. O entrevistado relembra que: “Quando virava pra brigar do lado de cá, aí juntava tudo, Sampaio, Colegial, Vila Nova, Nova Vila” (Informação oral). Ainda complementa afirmando que “[...] nós entendia pra lá, brigava lá, mas quando entrava os daqui de cima, aí juntava todo mundo pra descer o porrete” (Informação oral).

Os bairros mencionados se localizam nas proximidades do grupo “Vila Nova”. João Batista Dias⁹ confirma que os conflitos ocorriam quando os participantes de um território invadiam ou se aproximavam da área rival. A fala do entrevistado afirma que a região conhecida como “Vila Nova” era formada por meio da ligação com outros bairros, que se uniam afim de lutar pela preservação do seu espaço.

É interessante analisar que, na década de 1990, o entrevistado residia no bairro Colegial, que era próximo ao bairro Vila Nova, portanto participava dessa área. Desse modo, é possível perceber que, nos momentos de conflitos, moradores do bairro Colegial também eram considerados participantes do grupo “Vila Nova”. Isso mostra que as áreas foram ampliando-se e mesclando-se. No entanto, com o fim desses conflitos, não há mais segregação de grupos. Um exemplo disso é que, hoje, João Batista Dias¹⁰ reside no bairro Santa Cecília (área rival no passado), uma vez que os moradores podem se mudar, sem se preocupar com antigas rixas.

A seguir, serão analisados outros aspectos comuns aos componentes dos grupos de jovens envolvidos nos conflitos violentos, entre os bairros “Rua do Fogo” e “Vila Nova”, em Pires do Rio- GO, no decorrer da década de 1990.

⁸João Batista Dias, 36 anos, jardineiro, morador do Bairro Santa Cecilia, Pires do Rio. Data da entrevista: 03/10/2014.

⁹03/10/2014

¹⁰ 03/10/2014

1.2 Perfil dos Participantes e suas Estratégias

Após a breve discussão acerca da questão da localização das áreas, parte-se agora para a análise do perfil dos jovens participantes dos conflitos. Constatou-se, por meio das entrevistas, que os grupos (tanto da Vila Nova, quanto da “Rua do Fogo”) eram compostos por jovens e adolescentes, com idade entre 12 e 23 anos. Nesse sentido, Bob¹¹ afirma que, “quando o Hulk entrou na turma, eu já tava velho já, tinha uns vinte já, eu era um dos mais velhos, eu e mais uns quatro” (Informação oral). No período dos embates, Bob¹² considerava-se um dos mais velhos da turma, uma vez que já tinha entre 22 e 23 anos de idade. Em se tratando disso, João Batista Dias¹³, de apelido “Hulk”, diz “eu entrei em noventa e dois, eu tinha doze anos, aí, mais ou menos em noventa e seis foi quando eu parei com isso” (Informação oral). O entrevistado afirma que, na época, tronou-se um dos mais jovens membros de seu grupo, permanecendo nele dos seus 12 aos 16 anos. Luis Fernando Junior¹⁴, por sua vez, ao ser questionado sobre quando começou a participar dos conflitos, responde: “ah, eu tinha uns treze a quatorze anos” (Informação oral).

Segundo os relatos, percebe-se que as duas turmas eram compostas por jovens, com a mesma faixa etária (entre 12 e 23 anos) e, entre eles, não havia pessoas com idade superior a 23 anos. Nesse interim, pode-se constatar, partir das entrevistas realizadas e analisadas, que embora existissem dois grupos rivais, apenas um pequeno grupo de jovens e adolescentes, da cidade de Pires do Rio, estava envolvido nos conflitos.

Quanto aos motivos que levavam aos constantes conflitos, Wellington Vieira Borges¹⁵ e Fernando Candido Marciel¹⁶ apresentam perspectivas diferentes. Wellington afirma que era um adolescente quando começou a participar do grupo da “Rua do Fogo”, mas não apontou um motivo para a sua relação com os conflitos violentos. Isso pode ser percebido ao enfatizar que “quando a gente tinha idade pra dar pancada, a gente já tava no meio, era tipo automático, quando pensou que não, já tava lá junto, apanhando, batendo” (Informação oral). É possível notar que Wellington era participante ativo nos embates, contudo não sabia ao certo suas causas. A partir da fala desse entrevistado, pode-se notar que alguns componentes dos grupos não conheciam as razões que motivavam os conflitos, ou as esqueceu ao longo do tempo.

¹¹Nome fictício, pois o entrevistado preferiu não se identificar. 12/11/2014

¹²Idem.

¹³03/10/2014

¹⁴03/10/2014

¹⁵37 anos, pintor, morador do bairro Tancredo Neves, Pires do Rio. Data da entrevista: 25/10/2014.

¹⁶36 anos, empresário, morador do bairro Nossa Senhora de Lourdes, Pires do Rio. Data da entrevista: 02/10/2014.

Por outro lado, Fernando Candido Marciel¹⁷, ao ser questionado sobre a razão que impulsionava sua participação no grupo “Vila Nova”, diz que tudo acontecia “porque, antigamente se você saísse sozinho era meio perigoso, porque o povo queria bater, e como a gente era ‘de menor’, aí tinha que acompanhar a galera” (Informação oral). O entrevistado firma, também, que sua entrada na turma da Vila Nova foi quase obrigatória, pois foi levado pelas circunstâncias a participar do grupo, uma vez que, naquela época, somente por morar nesse território e ser jovem, já era um motivo para ser visto como rival da “Rua do Fogo”. Assim, participar do grupo da Vila Nova seria uma forma de se proteger do grupo rival.

Dando continuidade às análises das entrevistas, nota-se que os entrevistados, por meio de seus dizeres, dão ênfase ao aspecto da organização dos grupos e aos momentos de conflito. Nesse sentido o membro do grupo “Vila Nova”, na década de 1990, João Batista Dias¹⁸, enfatiza que:

Sempre nós tínhamos a turma, aí sempre andavam os grupos, andavam três junto, com mais quatro ali do lado, três de lá e sempre no meio da multidão nas praças, nas festas, tinha muito Rock in Rua, essas coisas, a gente ‘tava’ em contato um com o outro ali, no olhar a gente já sabia que tinha alguma coisa. (Informação oral)

Observa-se que os componentes dos grupos se mantinham, constantemente, em alerta e estavam sempre se comunicando uns com os outros. Para transitar em espaços fora de seu limite territorial, os componentes dos grupos não andavam sozinhos, organizavam-se, possivelmente, em trios, principalmente quando entravam nas zonas mais conflituosas da cidade. Nesse sentido, de acordo com os entrevistados João Batista Dias¹⁹ e Fernando Candido Marciel²⁰, andar em grupos era essencial para que se mantivessem minimamente seguros, sob as condições de rivalidade que existiam naquelas áreas. Andar só era muito perigoso, posto que poderiam se encontrar com membros do grupo oponente em determinadas ocasiões: como em meio à multidão, em festas, ruas e praças. Essas áreas eram consideradas como territórios neutros, porque serviam para convívio comum entre os dois grupos conflituosos e as demais pessoas da cidade. No entanto, dependendo do modo como os membros dos grupos se encontrassem por ali, isto é, das atitudes ou da postura corporal que assumissem, certamente ocorreria mais um embate.

¹⁷ 02/10/2014

¹⁸ 03/10/2014

¹⁹ 03/10/2014

²⁰ 02/10/2014

No que se refere à motivação para a sua participação da turma da Vila Nova, João Batista Dias tem opinião diferente dos demais entrevistados:

Na época que eu entrei era um calouro[...] tive que provar que eu era competente pra entrar [...] entrei porque eu quis mesmo, na época era, fazia fila, pessoal querendo entra na turma [...] já era tudo marcado, já sabia quem era os brigão e os que queria brigar. (Informação oral)

De acordo com o entrevistado, algumas pessoas entravam na “turma” apenas por desejar participar dos conflitos que, na maioria das vezes eram violentos. Por esse ângulo, tem-se a impressão de que quem pretendia entrar nos grupos buscava fazê-lo porque tinha gosto por isso. Além disso, João Batista Dias²¹ afirma que, nos dois territórios, já estavam delimitados quem eram os “brigões” das turmas.

Outro trecho da entrevista de João Batista Dias, citado anteriormente, assinala que esses jovens não chegavam a atacar alguém simplesmente porque essa pessoa era de outro bairro. O entrevistado declarou ainda que, somente os mais jovens brigavam, portanto, as pessoas mais velhas não participavam dos embates. O alvo da violência não era o restante da população, ou seja, pessoas que, por um acaso, estivessem por perto quando os conflitos ocorressem. No entanto, durante os embates objetos eram usados como armas, assim, tijolos e armas brancas podiam ser lançadas, acertando quem não fazia parte dos embates.

Comparando as perspectivas dos entrevistados João Batista Dias²² e Fernando Candido Marciel²³, que faziam parte da mesma turma, percebe-se como existiam motivações distintas para que um jovem desejasse fazer parte do grupo e participar dos conflitos. Conforme as entrevistas, João Batista Dias²⁴ fazia parte do grupo, pois “gostava de brigar” (Informação oral); enquanto Fernando Candido Marciel²⁵, diz que temia ser taxado como inimigo e, por conseguinte, “via-se obrigado a participar dos atos violentos da área da Vila Nova” (Informação oral).

A partir da fala de João Batista Dias, compreende-se que desde criança ele, almejava participar da turma da Vila Nova. Isso é compreensível, porque cresceu em meio aos embates, não foi familiarizado com outra realidade, como a de jovens e adolescentes que vivem em locais onde não existem esses conflitos. No entanto, outros participantes do grupo afirmaram que escolheram tornarem-se membros dele para que não fossem rejeitados pela turma, uma vez que

²¹ 03/10/2014

²² 03/10/2014

²³ 02/10/2014

²⁴ 03/10/2014

²⁵ 02/10/2014

ficar sem proteção não era uma opção. Desse modo, Fernando Candido Marciel²⁶, ao ser questionado sobre os motivos que o levaram a entrar para o grupo, responde que “era porque, antigamente se você saísse sozinho era meio perigoso, porque o povo queria bater, e como a gente era “de menor”, aí, tinha que acompanhar a galera” (Informação oral).

Entretanto, Bob²⁷ explica que “todo mundo juntava e brigava porque a galera daqui e os de lá não se batia” (Informação oral). Com isso, quer dizer que os conflitos aconteciam, muitas vezes, porque as pessoas que moravam em uma área da cidade de Pires do Rio não suportavam a presença dos outros, que moravam em área distinta. Então, era inevitável acontecer enfrentamentos quando se encontravam em ambientes públicos, ou quando o membro de um grupo adentrava o território inimigo.

Os jovens tinham conhecimento de que um grupo não era bem-vindo no território do outro, nenhum deles gostava que os rivais entrassem em seu domínio. Para as turmas, isso era tomado como uma afronta, uma invasão, que seria solucionada por meio da agressividade e expulsão do grupo não desejado. João Batista Dias²⁸ relata sobre a forma que planos e modos de embate eram arquitetados:

Quando dava uma briga no fim de semana, nós já nos preparávamos pro próximo fim de semana, aí, durante a semana, nós treinava artes marciais, arrumava soco inglês, guardava onde nós já imaginava que ia ter os confrontos, pedaços de pau e de pedra, e assim só esperando a hora do show. [...] Todo fim de semana, durante a semana, porque tinha os lazeres, cada semana, sexta sábado e domingo, cada dia era num setor, aí tanto da praça pra cima como da praça pra baixo (Informação oral).

O entrevistado confirma que, em algumas situações, o grupo “Vila Nova” se organizava, previamente, para os confrontos, que já estavam marcados para acontecer durante semana e também nos finais de semana. João Batista Dias²⁹ aponta alguns dos locais onde os enfrentamentos estavam marcados e explica que poderiam ser realizados em locais próximos de festas, em clubes, ou mesmo na rua.

Na época em questão, a década de 1990, havia, na cidade de Pires do Rio, um evento chamado *Rock in Rua*, que era uma festa que acontecia na rua, em diferentes bairros da cidade, onde, frequentemente, ocorriam rixas. Para Bob³⁰, isso era possível porque parte dos jovens, membros das turmas, participava dessas festas. Nesse sentido, Bob diz que “quando nós ia pra

²⁶ 02/10/2014

²⁷ Nome fictício, pois o entrevistado preferiu não se identificar. 12/11/2014

²⁸ 03/10/2014

²⁹ 03/10/2014

³⁰ Nome fictício, pois o entrevistado preferiu não se identificar. 12/11/2014

um *Rock in Rua* aqui pra cima dos trilhos, nós já vinha já de muita gente, por que já sabia que já chegava todo mundo junto porque ia dá merda” (Informação oral).

Ao entrar no território inimigo, o grupo “Vila Nova” já se preparava para confrontar os inimigos, munido de reforços e de artefatos, como tijolos e pedras, além de paus e de muita agressividade. Mas também, quando o grupo “Rua do Fogo” entrava no território do grupo “Vila Nova”, logo surgia um motim em bares ou, até mesmo, na rua. O membro de um dos grupos, agregado à área “Rua do Fogo”, Luís Fernando Junior³¹, afirma que, para eles, não havia necessariamente “um querer” (Informação oral), ou nem mesmo era necessária uma provocação para o conflito, apenas não havia escolha: o confronto era inevitável. Nesse sentido, o entrevistado diz que:

A gente ia comprar ingresso pra festa no jóquei e logo já virava brigas[...] todos os sábados tinha festa, na época na onde é aquela Drogaria do Povo era o Jóquei , aí, sempre ali, todo sábado era uma briga, nossa, num passava batido não.(Informação Verbal)

Segundo Luis Fernando Junior³², isso acontecia porque uma turma não tolerava a presença da outra em um mesmo espaço. Já o entrevistado Fernando Candido Marciel³³ esclarece que, na maioria das vezes em que participou, quando ainda não havia começado uma briga, os mais velhos mandavam que ele e os colegas da mesma idade comessem o conflito, dando um soco no rosto de alguém da “Rua do fogo”. De acordo com o entrevistado, os tumultos ocorriam “um pouco era porque curtia mesmo [...] curtia mesmo os *figths*, as brigas” (Informação oral). Nesse mesmo sentido, Bob³⁴ afirma que:

Rolava tapa mesmo, era só tá perto que saía briga, eu mesmo já mandei ‘uns moleque’ começar quando as coisas ‘tava’meio calma, já mandei umas vez molequinho que queria entrar, começa a briga: aí, fera, vai lá e da um tapa na cara daquele menino, ele ia dava, daí os mais velhos que estavam com ele encrespavam e o pau comia.(Informação oral).

Assim, conforme Fernando Candido Marciel, o conflito, às vezes, era provocado por parte do grupo da Vila Nova. Porém, Wellington Vieira Borges³⁵, pertencente ao mesmo grupo, diz “que eles não começavam briga, mas também não evitavam, o pessoal da Rua do

³¹ 03/10/2014

³² 03/10/2014

³³ 02/10/2014

³⁴Nome fictício, pois o entrevistado preferiu não se identificar. 12/11/2014

³⁵ 25/10/2014

Fogo, eu sempre achei menos inflamado, nós aqui não caçava nada, mas num corria também não” (Informação oral).

Analisando a entrevista de Bob³⁶, percebe-se que as intenções do grupo “Vila Nova” tinham caráter mais violento do que as da “Rua do Fogo”. Considerando, também, alguns trechos da entrevista de João Batista Dias³⁷, perceber-se-á conduta agressiva do grupo “Vila Nova”.

Após discutir as características da formação dos grupos rivais, observar-se-á, no próximo tópico, o período em que esses grupos começaram a se desfazer.

1.2.1 Caminhando Para o Fim

Dando continuidade ao que foi dito no tópico anterior, é notável que, no final da década de 1990, os conflitos começaram a se tornar ainda mais rípidos. Nesse aspecto, os entrevistados João Batista Dias, Bob³⁸, Wellington Vieira Borges³⁹, José⁴⁰ e Luis Fernando Junior⁴¹ falam, de forma muito semelhante, sobre os confrontos mais violentos de que se lembram. João Batista Dias⁴² narra um dos últimos confrontos:

Num lembro quem era o dono do pitdog, mas um dos últimos confrontos que foi o mais marcante foi bem na praça, aí na esquina onde tinha um hospital, hoje é um hotel, tinha um pitdog bem na esquina, aí, um dos confrontos foi bem ali, foi num carnaval ainda [...] aí foi uma briga, essa foi feia, teve tiro, facada, paulada, muito nego foi machucado, foi preso, essa foi a última briga que nós tivemos, nós foi preparado. Nos fomos numa serralheria, fizemos inglês mesmo sabem, aquelas poltrona, na época, era febre aquele negócio de Wolverine, nós já fazíamos o soco inglês igualzinho à mão dele, a garra, e foi uma briga muita gente saiu machucada. (Informação oral)

Para João Batista Dias⁴³, dentre os conflitos que presenciou, esse foi um dos mais violentos e, também, um dos últimos. Nota-se que tudo era feito de forma aberta, diante do público e que, além de armas brancas usadas para atingir os adversários, também foram utilizadas armas de fogo. O uso desse tipo de arma foi um fator relevante para piorar o caráter

³⁶ Nome fictício, pois o entrevistado preferiu não se identificar. 12/11/2014

³⁷ 03/10/2014

³⁸ Nome fictício, pois o entrevistado preferiu não se identificar. 12/11/2014

³⁹ 25/10/2014

⁴⁰ Nome fictício, pois o entrevistado preferiu não se identificar. 12/11/2014

⁴¹ 03/10/2014

⁴² 03/10/2014

⁴³ 03/10/2014

desses conflitos, pois tornou seus eventos mais brutais. O participante José⁴⁴ afirma que: “moço, quando tava perto do final dessas brigas entre a Rua do Fogo e a Vila Nova, até tiro tava tendo, nessa época um cara daqui matou um lá da Vila Nova” (Informação oral).

Wellington Vieira Borges⁴⁵, do grupo “Rua do Fogo”, atual residente no bairro Santa Cecília, diz que “nós fomos preso várias e várias vezes, até carnaval fomos impedidos de sair, nós ainda éramos menores de idade, por lei, no carnaval, nós não podia nem sair de casa” (Informação oral). Nesse mesmo sentido, Bob⁴⁶ relata que:

Teve uma época das brigas que quebramos uns pitdogs, aí, acertamos umas tijoladas no telhado da casa dos outros, então a polícia pegou nós, me prenderam, me deram uma surra, aí, eles mandaram eu nem sair de casa. A polícia ficava cercando, passava na porta da minha casa toda hora pra ver se eu tava lá. (Informação oral)

Percebe-se então que, com o decorrer do tempo, os conflitos tornaram-se mais graves: ocorreram assassinatos, atos de depredação e alguns integrantes chegaram a ser detidos. O agravamento da violência foi o ponto culminante dos embates entre as áreas e, segundo Luis Fernando Junior⁴⁷ e João Batista Dias⁴⁸, esse momento coincidiu com o período do fim dos conflitos. Essa questão pode ser melhor compreendida da dissipação dos grupos, fator que será analisado a partir da fala de Luís Fernando Junior⁴⁹: “Depois que aquele Cezar morreu, aí, a gente foi crescendo, ficando mais, cabeça mais madura. Depois que esse cara morreu, e morreu o Toquinho, que a mulher matou no carnaval lá a beira deles, aí, foi parando as briga, foi parando tudo”. (Informação oral)

O entrevistado enfatiza que os conflitos chegaram ao fim “através de algo ainda inédito dentro dos embates entre as duas áreas: a morte de um dos membros” (Informação oral). Sobre isso, João Batista Dias⁵⁰ afirma que o fim das brigas aconteceu com a morte de um rapaz e, de acordo com o mesmo, “foi um alerta para os jovens daquela época”. (Informação oral). Ele conta que

Um amigo meu, que era da nossa turma foi morto, justamente por causa desses confrontos [...] ele saiu de lá, no que tava com uma namorada aqui pra cima, aqui pro lado da Rua do Fogo, e chamamos nós pra vim pra cá, nós estava tudo na praça, nós falou não agora não, tá cedo, ele então vou sozinho, vai não, ele veio, aí, mataram ele aqui pra cima. [...] aí, foi daí que eu comecei a repensar nos conceitos de sobrevivência. (Informação Verbal)

⁴⁴ Nome fictício, pois o entrevistado preferiu não se identificar. 12/11/2014

⁴⁵ 25/10/2014

⁴⁶ Nome fictício, pois o entrevistado preferiu não se identificar. 12/11/2014

⁴⁷ 03/10/2014

⁴⁸ 03/10/2014

⁴⁹ 03/10/2014

⁵⁰ 03/10/2014

Quanto ao uso de armas de fogo, José⁵¹ diz que “depois que o pessoal começou a encrestar comigo, eu dei um jeito de arrumar uma arma, aí, porque daí, o medo diminuía, eu não cheguei a usar, mas era segurança, os caras do outro lado já sabiam que eu tinha” (Informação oral). Percebe-se, então, que a violência tomou grandes proporções, já que, para assegurar suas próprias vidas, ou não serem espancados na rua, os envolvidos passaram a andar armados, ou ver a necessidade de adquirir armas.

Por outra perspectiva, o temor pelo uso de armas de fogo não foi o único fator que levou ao fim dos conflitos. Segundo Bob⁵², o tempo também foi um ponto importante, uma vez que os jovens já estavam amadurecendo, tornando-se mais velhos, adquirindo responsabilidades. Alguns formando família e, por esse motivo, perderam o interesse pelas brigas, confusões e desordem. O foco para suas vidas passou a ser outro. Assim, segundo Bob,

Eu sei que quando nós saímos, eu saí já tinha uns vinte e oito já, nasceu minha filha, aí, acabou isso pra mim, eu não queria saber de briga, eu queria era cuidar da minha filha, ficava quieto em casa, sair só de vez enquanto, mas era com a minha esposa; na época, trabalhava pra cuidar da minha família e da minha filha. (Informação Verbal)

Bob explica que novos objetivos surgiram em sua vida, que ganhou novas motivações, por isso ele queria viver de maneira diferente, uma vez que antes, não pensava nas consequências de suas atitudes. Contudo, a partir de determinado momento, tinha que cuidar da filha recém-nascida e da sua família. Essa mesma explicação para o fim dos conflitos aparece na fala de outros entrevistados, como, por exemplo, Wellington Vieira Borges⁵³, que diz que:

Quando a prefeita Cida Tomazini foi eleita, aí, acabou a rixa de vez, porque acabou a maioria das festas, o Rock in Rua, aí, a gente ficava mais em casa mesmo, cada um foi pro seu canto, eu casei, tive minha filha, hoje em dia a gente até conversa com o povo que era do outro lado, num existe mais isso, ninguém houve mais falar nisso, nessas coisas de gangue, de briga daqui contra lá. (Informação Verbal)

Wellington Vieira Borges⁵⁴, além de tratar da questão familiar, fala também do fim da maioria das festas nos clubes e nas ruas (os chamados *Rock in Rua*), que fizeram com que os embates diminuíssem, se encaminhando para o fim. Sobre isso, João Batista Dias⁵⁵ afirma que “entrou uma prefeita, aí, cortou esse negócio de lazer, as boate que tinha os clubes, as festa, aí, não tinha como nos colidi mais” (Informação oral). Então, com a extinção dos espaços em

⁵¹ Nome fictício, pois o entrevistado preferiu não se identificar. 12/11/2014

⁵² Nome fictício, pois o entrevistado preferiu não se identificar. 12/11/2014

⁵³ 25/10/2014

⁵⁴ 25/10/2014

⁵⁵ 03/10/2014

que se formavam as aglomerações, não existiam mais tantos locais para os conflitos, no final da década de 1990. No final desse período, mudou-se a administração da prefeitura e, com isso, também foi extinto o evento *Rock in Rua*, que era ponto de disputas dentro da cidade, juntamente com os clubes Jóquei e Turunas da Mata, que também acabaram fechados.

Os jovens, além de serem impulsionados a cessar os conflitos e a violência, devido ao fim das festas em ruas e em clubes no centro da cidade, também começaram a envelhecer e a constituir famílias. Em alguns casos, até fizeram amizades com antigos rivais, como diz Luís Fernando Junior⁵⁶: “hoje em dia a gente conversa, eles trabalha lá na Nutriza, comigo lá, também tem um punhado de gente que eu converso lá na Vila Nova, me cumprimenta” (Informação oral). Atualmente não existem mais conflitos, no entanto, estes fazem parte da memória dos que participaram, ou presenciaram, dos momentos violentos, na cidade de Pires do Rio, na década de 1990.

Bob⁵⁷ afirma, ainda, que conversa com muitos dos membros do antigo grupo rival e diz que, atualmente, aquelas rivalidades, tão turbulentas, chegam a ser motivo de chacotas:

Hoje eu não moro aqui, mas tem uns parentes, os caras que eram considerados inimigos antigamente, não são mais, hoje eu topo com eles na rua, nós cumprimenta, não tem essa besteira, pra falar a verdade a gente ate ri de algumas coisas que aconteceu naquela época, as briga era feia, mas tem uns caso que da até do, uns caras que apanhava mais que os outros, coitados. (Informação oral)

Como se vê, na atualidade, não há conhecimento da existência de conflitos entre esses territórios, nem mesmo entre os bairros de embates que, de certa forma, segregou a cidade em duas áreas. Os entrevistados lembram-se daquela época, mas não expressam mágoas ou ressentimentos acerca da antiga violência. Por fim, extinguiu-se a rivalidade entre os dois grupos, contudo, até hoje, ouve-se falar daquelas histórias do passado.

Após essa discussão, conclui-se o estudo acerca das peculiaridades e organização dos dois grupos que se formaram na cidade de Pires do Rio-GO, na década de 1990. Passar-se-á, a partir de agora, para um novo aspecto a ser analisado, ou seja, o significado dos grupos “Rua do Fogo” e “Vila Nova”, como violentos, o que possibilita sua caracterização como gangues ou turmas, por meio de aspectos teóricos tratados por autores, como Carla Coelho de Andrade e Miriam Abramovay.

⁵⁶ 03/10/2014

⁵⁷Nome fictício, pois o entrevistado preferiu não se identificar.12/11/2014

2 “GANGUES? TURMAS?”: Sobre a caracterização dos Grupos Vila Nova e “Rua do Fogo” entre seus respectivos membros

Esse capítulo tem como objetivo compreender como os membros dos conflitos se caracterizavam como grupo e se autodenominavam de acordo com o próprio ponto de vista do grupo “Rua do Fogo” e “Vila Nova”, consideravam-se como gangues ou turmas. Discutir-se-á, também, sobre o que se entende por gangue, a fim de compreender se esse termo é adequado ou não para definir os grupos rivais. E, por fim,, discutir-se-á sobre os possíveis elementos influenciadores para o ingresso dos rapazes no movimento.

2.1 A Auto Nomeação

Quando foi perguntado a Luis Fernando Junior⁵⁸ sobre como se organizavam, como se autodenominavam e se existia um líder no grupo da “Rua do Fogo”, o entrevistado respondeu que:

Nós tínhamos nossa turminha aqui, mais não era gangue, eles que era gangue, nossa turma mesmo, não era gangue. [...] Nos daqui andava de quatro ou cinco no máximo [...] lá que nós encontrávamos, lá no jôquei, nós chegava e conversávamos, nós ficava de um lado eles de outro também. (Informação Verbal)

Luis Fernando Junior⁵⁹ afirma que o grupo “Rua do Fogo” era composto por pequenas turmas de amigos que andavam juntos e se encontravam no centro da cidade, onde se reuniam caso houvesse algum conflito contra o grupo “Vila Nova”. O entrevistado não considerava seu grupo uma gangue, no entanto afirmava que o “Vila Nova” era, pois constituía-se por um número bem maior de membros.

Acerca do que pode ser considerado uma gangue, Abramovay (2010) afirma que:

Nos Estados Unidos, as gangues possuem décadas de histórias e tem grande importância na organização da vida coletiva das cidades. Configuram-se como um elemento característico da divisão do espaço urbano, que historicamente tem suscitado conflitos violentos de caráter notadamente étnico. (ABRAMOVAY, 2010, p. 92)

⁵⁸ 03/10/2014

⁵⁹ 03/10/2014

O autor observa que, no contexto norte-americano, as gangues têm papel de destaque e não são uma facção atual da sociedade, pois surgiram há muito tempo. É próprio das gangues, segundo ele, envolverem-se em conflitos, em busca de marcar os limites de seu território dentro do espaço urbano.

O processo de urbanização iniciou-se, de maneira mais concreta, a partir do final do século XIX, com o início gradativo da industrialização e, de acordo com Menta (2008), “o contexto do século XIX marca o acelerado ritmo da modernização e o conseqüente processo de urbanização das grandes cidades, concentrando riquezas e acentuando as diferenças entre classes” (MENTA, 2008, p. 1). A desigualdade social, comum nas cidades, e o avanço econômico são fatores que promoveram o surgimento das gangues e turmas. Conforme afirma Nasciutti (2011), “neste contexto que a subjetivação capitalística produz grupos de minorias excluídas, sendo as gangues um espaço representativo dessa subjetivação” (NASCIUTTI, 2011, p. 4).

A partir da leitura do autor supracitado, entendemos que o termo “ganguê” pode ser utilizado para definir o grupo da Vila Nova, como afirma Luis Fernando Junior⁶⁰, uma vez que os conflitos eram violentos e giravam em torno da divisão do espaço urbano, da cidade de Pires do Rio, na década de 1990.

Outro entrevistado, João Batista Dias⁶¹, trata seu grupo como “turma”, dizendo que “era turma né, tinha a turma da Vila Nova e a turma da Rua do Fogo e quando se topavam de frente era só porrada” (Informação oral). Nesse sentido, outro entrevistado, Fernando Candido Marciel⁶², lembra que se autodenominavam como “a turma da Vila Nova” (Informação oral) e ainda destaca o outro modo como eram chamados: “o apelido da turma era escorpiões do *funk*” (Informação oral). Essa informação foi confirmada, também, pelo entrevistado João Batista Dias⁶³, que esclarece:

Foi os mais velho que inventou esse nome escorpiões do funk, porque, naquela época, a gente sempre ia nas festas pra dançar, as vezes, tinha competição um com o outro, aí, a gente que era da “Vila Nova” colocou esse nome pra diferenciar né. (Informação Verbal)

Segundo João Batista Dias⁶⁴, os membros da suposta gangue “Vila Nova” tinham mesmo um pseudônimo, alcunhavam-se como “Escorpiões do *funk*”: isso porque havia, na

⁶⁰ 03/10/2014

⁶¹ 03/10/2014

⁶² 02/10/2014

⁶³ 03/10/2014

⁶⁴ 03/10/2014

década de 1990, competições de dança nas festas de rua, nos mesmos locais onde ocorriam os conflitos violentos.

Sobre a dança, José⁶⁵, membro do grupo a “Rua do Fogo”, afirma que “às vezes, fazia rodinha pros mais fera dançar, nós da nossa turma tinha um [...] dançava pra caralho, mas toda vez que nois tirava o pessoal da Vila Nova na dança, eles apelava, aí era briga de novo” (Informação oral).

José⁶⁶ enfatiza que, às vezes, a “briga” era provocada quando um grupo de uma área era considerado perdedor na disputa individual de dança. Lembra, ainda, que essas disputas não eram organizadas, aconteciam quando alguém de uma turma era considerado um bom dançarino e começava a dançar. As pessoas paravam para observá-lo e, nesse momento, um dançarino de outra turma começava a dançar também, para competir. Nesse sentido, Bob⁶⁷ afirma que “a gente competia, era mais ou menos assim, os foda começava a dança, e todo mundo parava pra ver, quando alguém achava que era melhor, entrava pra provar” (Informação oral).

Para representar o nome “Escorpiões do *funk*”, atribuído ao grupo “Vila Nova”, havia uma tatuagem, com desenho de escorpião, que os mais velhos e/ou os mais agressivos da turma recebiam. Nota-se que a imagem é representativa do “apelido” do grupo “Vila Nova”. Sobre isso, Bob⁶⁸ revela:

Tinha uma tatuagem de escorpião que a gente, nós colocava, que era mais ligeiro, um de nós sabia fazer tatuagem, aí, ele que fazia, os que batiam mais, era os que tinham um escorpião na mão. [...] poucos tinha, que eu lembre, só uns quatro comigo, um deles ate tirou, fez um sol em cima. (Informação Verbal)

Bob⁶⁹ confirma que a tatuagem era feita em alguns membros do grupo, ou seja, somente naqueles considerados mais violentos. Um dos componentes da turma era responsável por tatuar os escolhidos, mas eram os mais velhos que decidiam os critérios para a escolha do receptor da tatuagem.

Percebe-se um comportamento hierárquico, pois, de certo modo, havia uma submissão aos mais velhos para a tomada de decisões, como escolher e autorizar aqueles que mereciam receber, em sua pele, a tatuagem representativa do grupo: o escorpião, que era feito a mão, como se pode observar na imagem ilustrativa a seguir.

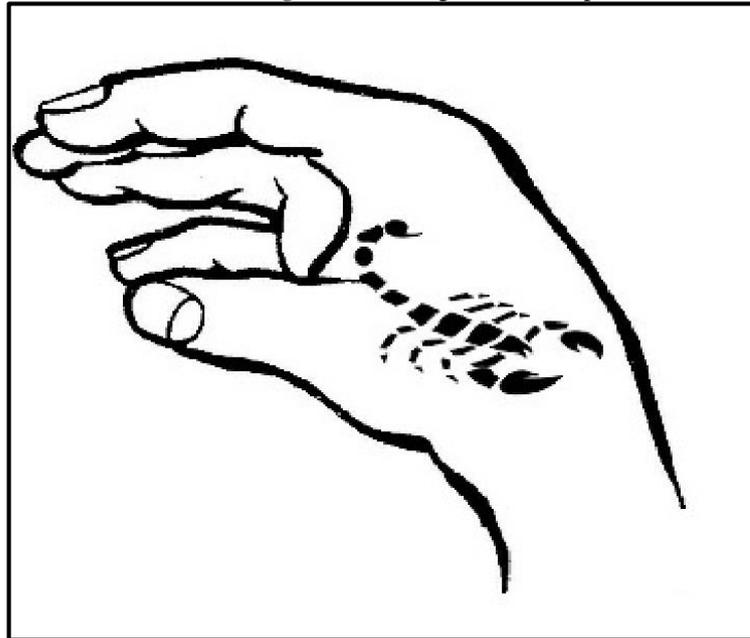
⁶⁵ Nome fictício, pois o entrevistado preferiu não se identificar. 12/11/2014

⁶⁶ Idem

⁶⁷ Idem

⁶⁸ Idem

⁶⁹ Idem

Imagem 02: Tatuagem de Escorpião

Fonte: CANDIDO (2014)

Entende-se que a tatuagem era um símbolo do grupo “Vila Nova” que: ao mesmo tempo, que funcionava como quesito para identificar aqueles que eram considerados merecedores de recebê-la, dentro do próprio grupo; funcionava, ainda, como símbolo indenitário, também, com relação ao resto da sociedade, que associava a tatuagem ao grupo. Assim, a tatuagem servia como uma espécie de linguagem, ou código, que avisava que seu possuidor era dotado de certas habilidades e feitos, normalmente ligados à força e à violência.

Voltando à questão da autodenominação de “gangues” ou “turmas”: dentre os entrevistados, Luis Fernando Junior⁷⁰ e Wellington Vieira Borges⁷¹, participantes do grupo “Rua do Fogo”, auto definiam-se como membros de uma turma e não de uma gangue. Essa autodenominação pode ser observada na fala de Luis Fernando Junior⁷², quando ressalta que “nós tinha nossa turminha aqui, mais não era gangue, eles que era gangue, nossa turma mesmo, não era gangue” (Informação oral). Nesse mesmo sentido, Wellington Vieira Borges⁷³ afirma que “a gente andava de turma, mas eles andavam de comboio, pra mim isso era gangue, porque até símbolo eles tinham igual máfia”. (Informação oral). Para os dois entrevistados, os jovens do grupo “Vila Nova” faziam parte de uma gangue, enquanto o grupo “Rua do Fogo” era apenas uma turma, pois era constituída por poucos membros. Os entrevistados consideram que, para

⁷⁰ 03/10/2014

⁷¹ 25/10/2014

⁷² 03/10/2014

⁷³ 25/10/2014

ser uma gangue, era necessário que o respectivo grupo fosse formado por um grande número de indivíduos.

No entanto, as duas áreas rivais, como percebeu-se no capítulo anterior, tinham em comum as mesmas características acerca da violência, sem nenhum objetivo definido para os enfrentamentos. Para Andrade (2007), qualquer grupo que tenha algum tipo de atividade delituosa é taxado (de forma estereotipada, pela população, mídia e polícia), como gangue. A estudiosa define o que se pode entender por “gangue” e qual tipo de comportamento pode caracterizar um grupo como tal, ressaltando que:

A expressão “gangue” tem sido cada vez mais popularizada no Brasil para qualificar turmas de jovens. De modo geral, os meios de comunicação de massa, a polícia e o imaginário social tomam gangue e turma de jovens envolvidas em ações delituosas como termos correlatos, não fazendo distinção entre: as consideradas “formas legítimas” de agregação juvenil, que levam os jovens a estarem juntos por interesses bem alheios à violência, mas que não os impedem de cometer transgressões e delitos, e as “formas delinquentes” de agregação nas quais as transgressão e violência são norma. (ESTERLE-HEDIBEL *apud* ANDRADE, 2007, p. 124).

De acordo com a autora, muitas vezes, sem distinção, qualquer agrupamento juvenil é pré-classificado como gangue e essa pode ser uma visão preconceituosa de quem os qualifica. Por outro lado, mesmo turmas que se reúnem sem nenhum tipo de interesse violento, em algum momento podem envolver-se em delitos ou transgredir normas.

Ainda de acordo com a autora, popularmente, qualquer grupo de jovens, com fins violentos e/ou delituosos, é chamado de gangue. Cometer furtos, usar drogas, envolver-se em brigas, depredação e em pichação são alguns dos delitos levados em conta por quem considera essas turmas como gangues. Nessa perspectiva, cabe lembrar que, o envolvimento em brigas, em detenções e fatos graves – como as mortes citadas pelos entrevistados no tópico “Caminhando para o fim” – é caracterizado como crime e/ou delito. Nesse sentido, ressalta-se que ambos os grupos, em análise nesse trabalho, envolveram-se nesse tipo de situação.

Pensando no que pode ser considerado uma gangue, Abramovay (2010) discute sua conceitualização, no Brasil, e enfatiza que, “no Brasil quando nos referimos às “gangues”, não estamos falando de “organizações” de “um negócio com características empresariais”, de uma racionalidade” (ABRAMOVAY, 2010, p. 92). O autor entende que gangue é um grupo desordenado sem fins lucrativos, sem objetivos racionais e sem sistematização apurada.

Quando perguntado a João Batista Dias⁷⁴ sobre como o grupo “Vila Nova” se reunia e sobre o que faziam além de entrar em conflitos violentos contra a turma rival, o entrevistado exclama que:

A gente se reunia no bairro, às vezes na festa que ia, todo mundo se conhecia aí, andava perto um do outro já observando o time rival [...] uai, cara, não, a gente só saía junto pra garantir né, se rolasse porrada nós já tava preparado, mas sempre quando tinha festa nossa turma dançava, quer dizer os caras melhor de dança dançava, eu só ficava observando. (Informação Verbal)

João Batista Dias⁷⁵ assevera que, além de se dedicarem a competições de dança, caso fosse necessário, se envolveriam em brigas (o que é caracterizado como uma atividade violenta). Nesse interim, percebe-se, então que, excluindo-se a dança, as outras atividades do grupo tinham a finalidade de promover a desordem por meio de transgressões e violência.

Retomando a entrevista de João Batista Dias⁷⁶, mencionada no capítulo anterior, ressalta-se que “um amigo meu, que era da nossa turma, foi morto, justamente por causa desses confrontos” (Informação oral). Esse envolvimento em fatos criminosos possibilita que os grupos em estudo possam ser classificados como “gangues”. Ademais, os relatos analisados mostraram que, se membros de um grupo entrassem em território alheio, a punição, geralmente, era surra ou, de acordo com o que foi dito por João Batista Dias⁷⁷, a morte. Isso pode identificar a existência de gangues rivais, que buscavam controlar as áreas tidas como territórios, em Pires do Rio.

Mesmo o grupo “Rua do Fogo”, que não possuía tatuagens para a identificação de seus membros, como a de escorpião do grupo opositor, também pode ser denominado como uma gangue, pois as características dos dois grupos eram as mesmas: uso da violência, a mesma faixa de idade, as infrações cometidas pelos componentes etc. No tópico seguinte, far-se-á uma breve análise sobre possíveis influências exteriores que possam ter contribuído para a auto denominação dos grupos violentos.

2.2 Possíveis Influências

Levando em consideração a forma violenta que os embates ocorriam, a partir das entrevistas realizadas e relacionando-as com a leitura de Abramovay (2010), entende-se que o

⁷⁴ 03/10/2014

⁷⁵ 03/10/2014

⁷⁶ 03/10/2014

⁷⁷ 03/10/2014

termo gangue pode ser empregado aos conflitos que existiram na década de 1990, na cidade de Pires do Rio. Os grupos, tanto de um lado, quanto de outro, eram compostos por jovens violentos que, quando se encontravam em áreas rivais, sem motivos “racionais”, travavam embates intensos. Essa questão, juntamente com a delimitação e a separação dos territórios “Rua do Fogo” e “Vila Nova”, mostrou-se presente nos conflitos e na organização dos mesmos. Os grupos demarcavam seus territórios e, por ali, planejavam seus atos e a sua realização. Nesse sentido, Nasciutti (2011) destaca que:

[...] a vida social vai definindo seus tênues contornos por meio do relacionamento com o outro, jovens e adolescentes delimitam espaço de afirmação do sujeito ao transitar pelos espaços sociais vivenciando processos contraditórios de exclusão/inclusão. Defronte à situação de exclusão e negação da condição de sujeito, as gangues e outros tipos de agrupamentos de jovens possibilitam a formação identitária, uma nova via de expressão, um modo de intensificar suas vivências pessoais e encontrar um núcleo gratificante para expressão da emocionalidade gerada em diversas instâncias da vida. (NASCIUTTI, 2011, n. p)

Com efeito, as relações espaço/sociais estiveram presentes nas vivências e experiências dos referidos atores que, engendrados pelas inter-relações entre e dentro de seus grupos sociais, formavam suas identidades. Para além de responderem às provocações diárias com a violência, os membros das gangues reagem a fatores estruturais mais amplos, ligados ao seu bairro, como a convivência com outros indivíduos, que já participavam dos respectivos grupos.

De fato, “a pobreza, a exclusão, a localização, a desestruturação familiar, a desorganização social, a imigração têm papel importante na formação de gangues” (ABRAMOVAY, 2010, p). Sendo assim, um pré-requisito para compreender o contexto das gangues é avaliar, com precisão, o papel estrutural do território urbano. Nesse sentido, Nasciutti (2011) assinala que:

De um modo geral, estudos realizados nesta última década indicam que os grupos de gangue encontram-se em todos os níveis socioeconômicos da população brasileira e caracterizam-se, basicamente, por um agrupamento de pessoas (em sua maioria jovens entre 15 e 24 anos de acordo com critério apontado pela ONU) que se organiza em seus territórios, identificando-se com líderes, tipos de linguagem e gestual, criando normas próprias para entrada e permanência no grupo. (NASCIUTTI, 2011, n. p)

Os grupos de Pires do Rio eram formados por jovens de faixa etária entre 12 e 23 anos, semelhante ao que pudemos ler na citação. Vê-se também que, no âmbito coletivo, cada grupo tem suas regras particulares e suas próprias características, inclusive nos quesitos de

entrada e permanência neles. Entende-se que há, também, no nível individual, influência para a inserção em uma gangue. Essas influências vêm a partir do contexto social, das dimensões íntimas, das próprias experiências e personalidade, juntamente com influências externas.

Sobre a questão das influências para a participação em gangues, na cidade de Pires do Rio, na década de 1990, João Batista Dias⁷⁸ afirma que, no período dos conflitos, estava envolvido em pensamentos que se voltavam para organização de gangues e violência. O entrevistado afirma que, juntamente com colegas, eram influenciados pelas mídias, e continua explicando que: “Na época era febre aquele negócio de Wolverine, nós já fazíamos o soco inglês igualzinho à mão dele, as garras [...] na época era moda, tinha nos filmes que passavam na Globo esse negócio de gangue de brigas, sempre tinha isso. (Informação oral)”.

João Batista Dias afirma, ainda que se inspirava em filmes e desenhos da época, os quais faziam alusões ao crime, à organização de gangues e ao uso de armas, coisas em que o próprio entrevistado se baseou para participar do grupo da Vila Nova, ou como era chamada, a gangue dos “Escorpiões do *Funk*”. Isso nos leva a pensar que a inserção de muitos jovens nas turmas ou gangues, em Pires do Rio, possa ter ocorrido por influência das mídias, que faziam alusão à violência e ao uso de armas (fato que não mudou nos dias atuais), e, também, pelo incentivo dos mais velhos, que já faziam parte desses grupos.

Portanto, considera-se que a televisão – bem como os outros meios de comunicação – pode ser influenciadora e formadora de opinião, capaz de incutir, na população, formas de agir, de pensar e de se comportar. Mas a influência direta, do meio em que viviam os indivíduos, também é muito significativa. Pensando nisso, pode-se afirmar que, tanto o contexto social imediato, quanto as mídias podem ter sido responsáveis pela formação da identidade dos participantes dos grupos que, incentivados pelo que viam na televisão e ao seu redor, identificavam-se.

Então, a partir dessas considerações e baseando-se nos depoimentos e nas reflexões teóricas dos autores citados, entende-se que, em Pires do Rio, na década de 1990, existiam grupos de jovens que podiam ser chamados de gangues.

⁷⁸ 03/10/2014

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término da pesquisa, percebe-se o quanto ainda há para se estudar sobre os embates, na cidade de Pires do Rio. Os conflitos em questão duraram cerca de uma década, porém o início das rixas não foi discutido. Os entrevistados afirmam que, essa rivalidade vem de muito antes de seu nascimento; no entanto, uma pesquisa que trate do começo dessa desavença deve adotar outros critérios, outra delimitação temporal e entrevistas com moradores mais antigos.

A proposta para esta pesquisa foi analisar os grupos das áreas da Vila Nova e Santa Cecília (Rua do Fogo), na cidade de Pires do Rio, na década de 1990. Para responder a problemática, foi utilizada a fonte oral, ou seja, foram feitas entrevistas com ex-membros dos grupos conflituosos, que hoje são inexistentes. Foi possível, a partir de nosso estudo, compreender aspectos como: os espaços onde ocorriam os fatos, a questão do território, como os grupos se organizavam para os confrontos e qual a participação dos entrevistados nos conflitos que ocorriam. Nessa pesquisa, ocupou-se, também, de analisar e discutir como esses grupos se autodenominavam, além de discutir sua categorização como gangues.

Constatou-se que os embates eram frequentes e muito violentos. Geralmente ocorriam dentro das áreas “delimitadas” de cada grupo, mas aconteciam, também, nos pontos de lazer, no centro da cidade, ou próximo dele, em festas e nas ruas, como por exemplo, o *Rock in Rua*. A violência acontecia sempre, mas os entrevistados não souberam explicar quais eram os motivos desses confrontos.

Nota-se que os integrantes do grupo de uma área não podiam andar pela área do “inimigo”, pois isso era considerado invasão, culminava em violência e na expulsão do invasor. Alguns membros, de acordo com o que relata Fernando Candido Marciel, foram impulsionados a entrar na turma em busca de proteção contra os adversários. Mas, muitas vezes, até mesmo jovens que moravam em um mesmo território eram considerados inimigos, por serem amigos/conhecidos dos membros das outras localidades.

A pesquisa, possibilitou-nos verificar as atividades dos grupos, nos últimos anos de sua atuação. Por meio das análises, foi possível constatar duas possibilidades para o fim dos combates: a primeira é que o ápice da violência foi o que provocou o declínio das atividades; a segunda, como disseram os entrevistados, se deu por causa do envelhecimento dos membros, que passaram a ter responsabilidades familiares. Ainda foi ressaltado que, atualmente, muitos dos antigos participantes tornaram-se amigos e convivem em harmonia.

A partir do segundo capítulo, considerou-se que, mesmo não se julgando assim, os grupos aqui estudados podem ser classificados como gangues violentas, dentro da cidade de Pires do Rio, durante os anos de 1990 a 1999. Para confirmar essa constatação, convém ressaltar as características de uma gangue, mencionadas por Abramovay (2010), tais como “a violência e a organização juvenil em grupos, com fins violentos e irracionais, sem lucratividade, e em defesa somente de territórios, argumentos estes, que possibilitam esse entendimento” (ABRAMOVAY, 2010, p. 89).

Percebe-se, a partir do que disseram alguns dos entrevistados, que filmes e desenhos animados influenciaram a violência entre as áreas. Dentre os que afirmaram essa questão, temos João Batista Dias⁷⁹, que disse “se espelhar neles para criar armas para utilizar contra os inimigos” (Informação oral). Igualmente, aspectos sociais, econômicos e culturais, bem como o contato direto com atores de seu próprio meio eram as bases que impulsionavam a inserção dos jovens no movimento.

Ao término desta pesquisa, constatou-se que os eventos do passado foram trazidos à memória daqueles que vivenciaram os embates e, até mesmo, de pessoas que apenas os testemunharam ou tiveram conhecimento deles através de relatos. Portanto, foi importante concretizar o registro, neste trabalho, das lembranças dos entrevistados.

A pesquisa oral, assim como é próprio das identidades, devido à sua subjetividade, está em constante construção. Isso propiciou o processo de interação e aproximação com esses interlocutores. Através dos testemunhos, resgatou-se, mesmo que apenas numa pequena parte, elementos perdidos, que poderiam cair no esquecimento, mas puderam ser registrados pelo fato de terem permanecido na memória daqueles que participaram dos conflitos e ainda sobrevivem. Daí a importância do surgimento de trabalhos como este, para que se preservem as lembranças, para que elas permaneçam e tenham valor histórico.

Enfim, essas foram impressões tidas com esta pesquisa, que nos trouxeram a visão de um recorte e de uma temática escolhida: as gangues de Pires do Rio, durante o decênio de 1990. Portanto, outras pesquisas podem vir a complementar nosso trabalho, visto que o objeto se mostra aberto a outras contribuições.

⁷⁹ 03/10/2014

LISTA DE FONTES

Imagens:

Mapa de Pires do Rio. Disponível no site:<http://www.cidade-brasil.com.br/mapa-pires-do-rio.html>. Acesso em 25/09/2016

Tatuagem de escorpião. Disponível no site:

<https://drive.google.com/file/d/0By5qDriGoTC9eTJHRmgzNGZiSk0/view>. Acesso em 25/09/2016

Escrita:

IBGE

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=521740&search=goias|pires-do-rio>

Oral:

1. Bob, nome fictício, pois o entrevistado preferiu não se identificar, 45 anos, pedreiro, reside na cidade de Cristalina-GO. Data da entrevista: 12/11/2014.
2. Fernando Candido Marciel, 38 anos, empresário, morador do Bairro Nossa Senhora de Lourdes, Pires do Rio. Data da entrevista: 02/10/2014.
3. João Batista Dias, 36 anos, jardineiro, morador do Bairro Santa Cecília, Pires do Rio. Data da entrevista: 03/10/2014.
4. José, nome fictício, pois o entrevistado preferiu não se identificar, 37 anos, açougueiro, morador do Bairro Santa Cecília, Pires do Rio. Data da entrevista: 12/11/2014.
5. Luis Fernando Junior, 39 anos, frentista, morador do Bairro Santa Cecília, Pires do Rio. Data da entrevista: 03/10/2014.
6. Wellington Vieira Borges, 37 anos, pintor, morador do Bairro Tancredo Neves, Pires do Rio. Data da entrevista: 25/10/2014.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam. **Gangues, Gêneros e Juventudes: Donas de Rocha e Sujeitos Cabulosos**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2010.
- ANDRADE, Carla Coelho de. **Entre gangues e galeras: juventude, violência e sociabilidade na periferia do Distrito Federal**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007. (Tese de doutoramento)
- GAUDERIA, Leticia Lima. “*A Evolução Histórica dos Conceitos de Território/Territorialidade no Contexto do Desenvolvimento Rural*”. In: **Caderno de Estudos Interdisciplinares v.1, n.1**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. “*Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea*”. In: AMADO, Janaina, FERREIRA, Marieta de Moraes. In: **Usos e abusos da História oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- MANZINI, José Eduardo. “*Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em Educação*”. In: **Revista Percursos-NEMO**. vol. 4, n.2. Maringá: UNESP, 2012.
- MENTA, Guadalupe Estrelita dos Santos. “*A modernização e o processo de urbanização a partir do século XIX: ecos da dominação européia no Brasil e em África*”. In: **Revista Crioula** – nº 4. Londrina, 2008.
- NASCIUTTI, Flávia. “*Jovens, grupos de gangue e subjetividade: Reflexões sobre o modo de vida contemporâneo*”. In: **Revista da Católica**. Uberlândia, v. 3, n. 5, Jan-Jun. 2011. Disponível em: <http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/index.php?pagina=sumariov3n5>. Acesso em: 17 set. 2016.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.